

Discurso pronunciado no dia 15 de dezembro de 2023,  
no Salão Dourado da Reitoria da UFRJ,  
por ocasião da atribuição do título de Professora Emérita

Magnífico Reitor da UFRJ, Professor Doutor Roberto Medronho

Excelentíssima Vice-reitora da UFRJ, Professora Doutora Cássia Curan Turci

Excelentíssimos representantes das variadas instâncias acadêmicas desta minha  
Universidade:

Professor Doutor Afrânio Gonçalves Barbosa, Decano do Centro de Letras e Artes;

Professora Doutora Sonia Reis, Diretora da Faculdade de Letras;

Professora Doutora Ana Paula Belchior, Chefe do Departamento de Letras  
Vernáculas;

Queridíssima Professora Doutora Maria Theresa Abelha Alves, minha madrinha,  
companheira de tantos anos, eleita pelo coração, pelo saber, e pela fineza de espírito que  
sempre me encantaram;

Querido Professor Emérito Jorge Fernandes da Silveira, meu amigo de travessias e velhas  
barcas,

Querida parceira nesta cena de emergência, Prof.a Dra Carmen Tindó

Queridos colegas, que representam outros tantos colegas e ex-alunos no desfile de honra  
desta cerimônia acadêmica;

Muito amadas Adriana, Daniela e Clara, que são a parte luminosa da minha vida;

Meus amigos:

Eu venho das Letras, como esta capa roxa simbolicamente o indica. Por isso falo não  
apenas com as palavras, mas sobre as palavras. E a palavra de hoje é **emergência**. Gosto mais

de **emerência**, que indica um processo, do que de **emérito**, grau de honra, sem dúvida, mas que se arrisca a perder sua força se se congelar num mero título.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro – de que fiz parte como aluna, de 1969 a 1973, possivelmente os anos mais dolorosos da vida brasileira no século XX, e de que faço parte como professora desde 1977, perfazendo, em 2023, 46 anos de continuada atividade acadêmica – esta minha universidade, repito, através dos seus diversos colegiados, formados por docentes do setor de literatura portuguesa, do departamento de letras vernáculas, da congregação da faculdade de letras até à instância maior do conselho universitário e da sua reitoria, julgou por bem outorgar-me o título maior da academia que é o de Professora Emérita.

Meu primeiro sinal a todos é, portanto, de agradecimento.

É restaurador saber que aquele contínuo e tantas vezes solitário trabalho do dia a dia, feito de reflexão, de leitura e de pesquisa; que o empenho diligente em estar atenta ao modo como na sala de aula era possível fazer transitar o saber com sabor; que enfim, a esperança de que, se a literatura não muda o mundo, talvez mude as pessoas que transformam o mundo (já o disseram antes de mim), que tudo isso reunido tenha sido tomado, pela minha comunidade acadêmica, na sua mais profunda autenticidade.

**Mérito**, palavra que está contida em **emerência**, pode ser um conceito complicado, quase ardiloso, quando utilizado para medir sujeitos desiguais, numa sociedade desigual,

em que o poder se resolve pelo desempenho individual, e não leva em conta a base da desigualdade que está na sua origem.

De certo modo, o **mérito de um professor universitário**, a quem se concede, no fim da carreira, o lugar da **emerência**, é assumidamente a comprovação da certeza de ele ter sido um **privilegiado**: porque teve uma família que o acolheu; porque recebeu uma formação ética que lhe permitiu entender melhor os privilégios e os desamparos; porque lhe foi permitido ter uma instrução adequada, mesmo refinada; porque herdou uma bagagem cultural que lhe chegou, por vezes, sem esforço, sem que ele nem se desse conta dos ganhos que lhe eram oferecidos; porque enfim, como no meu caso, pôde participar de uma comunidade universitária, **também privilegiada**, e conviver com figuras-guias cuja memória não se apaga, e cujos nomes ressoam entre os muros desta nossa universidade: Cleonice Berardinelli, Marlene de Castro Correia, Samira Nahid de Mesquita, Maria Arminda Falabella de Souza-Aguiar. Nenhuma delas está mais aqui e, contudo, sempre estarão pelo privilégio da memória.

Eu falava de **privilegiados**, incluindo-me entre eles. Mas também é verdade que nem todos os privilegiados fizeram jus ao lugar de privilégio que lhes coube, deixando escorrer pelas mãos tudo aquilo que, por acaso do destino, lhes saiu em sorte na sua viagem pelo tempo individual e pela história coletiva.

Por outro lado, é também verdade que, contrariando a fatalidade, alguns daqueles **não privilegiados** conseguiram driblar o destino, e até se tornaram presidente da república, trinta

e tantas vezes honrado com o título de doutor honoris causa nas mais famosas universidades do mundo, ele que apenas completara o ciclo básico da educação, mas que tinha o espírito aberto aos ensinamentos não formais que lhe chegavam da experiência. Assim como aquele personagem que Camões cantou n' *Os Lusíadas*, cabia-lhe *um saber só de experiências feito*.

E foi possivelmente essa experiência de vida **não privilegiada** que lhe permitiu ser capaz de se fazer atento às injustiças dos julgamentos meritocráticos, supostamente igualitários porque contabilizáveis, de que a universidade era, e de certo modo ainda é, um exemplo a não esquecer, mesmo a universidade pública, cujo acesso é inversamente proporcional ao sistema público de ensino que a antecede. E foi certamente por isso que esse **não privilegiado** se empenhou em criar, paralelamente à dinâmica institucional, algumas estratégias de sobrevivência para que **outros não privilegiados** pudessem adentrar o mundo da cultura, reconhecendo, por exemplo, o valor das cotas no acesso à universidade pública ou criando apoios suplementares, concretos, para quem precisava cursar uma universidade particular. Fiquemos certos de que os egressos desses pequenos grandes gestos de revolução é que formarão no futuro o amálgama de uma sociedade que se deseja multicultural, multirracial, justa, receptiva e generosa.

No meu caminho de **privilegiada**, penso ao menos ter cumprido esse dever de o reconhecer, e por isso, tenha tentado dar valor a esse privilégio, que é de poucos. Tenha ao menos buscado entender melhor as diferenças; tenha me esforçado por dialogar com alunos tão diversos; e tenha, quem sabe, conseguido demonstrar prazer no que faço, tentando

acender o brilho nos olhos de quem vai experimentando comigo o fascínio da literatura, que não é outra coisa senão a vida feita poesia, ou a maravilha da intuição da eternidade na nossa precária fragilidade humana.

Venho hoje aqui para fazer do reconhecimento desse **mérito** – dessa **emerência** – uma aposta de continuar a acreditar na universidade, no ensino libertário que ela é capaz de construir, ensino que se transforma sempre com o tempo, que aposta sempre na mudança, **mas que não desconsidera a tradição**. Ler a tradição – será sempre bom lembrar – é também um modo de respeitar a diferença. Porque eu não posso impor, inadvertidamente, os valores do presente ao passado, embora possa fazer das suas ruínas a matéria renovada para uma outra construção. A cultura não é necessariamente – ou mesmo quase nunca – um amálgama liso, belo, lustroso. É antes um acúmulo de materiais heteróclitos, quase sempre contraditórios, tantas vezes questionáveis, mas que são, de qualquer modo, aquilo de que somos feitos e também aquilo que, agindo, vamos em boa hora transformando. Recuso-me por isso mesmo – e ferozmente – a fazer *tabula rasa* do passado, mas aposto num presente capaz de repensar criticamente o que é consensual; aposto num presente criador de futuros possíveis; um presente que desconfia do natural, do autoritário, do definitivo, do evidente, do que vale por si, do que não precisa de explicação. Levo comigo uma voz – a de Roland Barthes – que me lembra sempre que “o que é evidente é violento, mesmo quando se apresenta suavemente, liberalmente, e até democraticamente. O “natural” é em suma, e tantas vezes, o maior dos ultrajes”. (RB, 1975, p. 88)

Antes de terminar, quero dizer que nesta cerimônia falta uma presença que deveria, por direito, compor, antes mesmo de mim, a comunidade dos professores eméritos. Edson Rosa da Silva, Professor Titular de Língua e de Literatura Francesas, partiu, contudo, antes do tempo. Foi atropelado pela doença e pelo tempo de reclusão a que estivemos todos, no mundo inteiro, atados pela catástrofe de uma epidemia. Mas, garanto-lhes, eu que em geral descuido das transcendências, que ele está por aqui e ocupa, *in absentia*, o lugar que lhe estava reservado, por ter sido **justamente** um daqueles **não privilegiados** que conseguiram, por incontestável esforço próprio, dar a volta ao destino.

Ao receber hoje o grau de professora emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, faço eu profissão de fé de continuar presente na vida universitária. Fui professora desde os dezoito anos e trabalhei com alunos de todas as idades, da escola primária aos cursos de pós-graduação, e lhes garanto que foram eles que me ajudaram a perceber o mundo para além da minha **redoma de privilegiada**, tornando-se, assim, em caminho de mão dupla, os mentores da minha experiência.

Por isso, agradeço mais uma vez aos membros deste egrégio conselho universitário a chance que me dão de poder continuar a pertencer aos membros ativos do seu corpo docente, para poder continuar a jogar aquele jogo sedutor de passar o anel entre as mãos dos outros, que, como já foi dito em palavras muito mais saborosas do que as minhas, vale menos pelo dom do anel e muito mais pelo gozo de compartilhar o prazer de outras mãos.

Muito obrigada.